O CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO E O ALUNO COM AUTISMO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Luiza Russo
Diretora Executiva do Instituto Paradigma

1. A comunicação é fator crítico de sucesso para a inclusão escolar:

O grande desafio do processo educativo, na perspectiva inclusiva, é a interlocução permanente, entre a formação social e a formação individual dos alunos, quer tenham ou não algum tipo de deficiência. Essas duas dimensões da formação devem estabelecer uma dialética permanente, evidenciando com isso, a comunicação como um fator preponderante no desenvolvimento mental e afetivo, delineando uma dimensão coletiva, compartilhada pelo aluno, seus professores, e os outros interlocutores da comunidade escolar.

Isto também implica em uma atenção mais qualificada, por parte dos professores, entre outras coisas, da função reguladora da linguagem no comportamento humano, e de seu grau de eficiência na combinação dinâmica entre suas mais amplas formas de manifestação (verbal, corporal e semiótica).

Assim, todo comportamento acontece por uma razão. O aluno expressa sua percepção do que está acontecendo e de como está percebendo e interpretando tal estímulo, mesmo quando as palavras não podem fazê-lo. Comportamentos e formas de comunicação não acolhidas ou ignoradas pelo professor podem interferir na relação professor-aluno e no processo de aprendizagem. Ignorar, ou simplesmente interromper esses comportamentos não é suficiente. É

preciso ajudar o aluno a substituí-los por alternativas mais adequadas ao contexto escolar e aos combinados coletivos, de modo que a aprendizagem possa fluir.

É preciso acreditar que o aluno com autismo pode verdadeiramente se expressar e aprender. O maior objetivo do professor é apoiá-lo com as mediações apropriadas para que ele possa interagir com seus parceiros de aprendizagem de forma eficaz. De um modo geral, em algum momento, todos os alunos apresentam alguma dificuldade no processo de interação. Os alunos com autismo podem expressar dificuldade em se auto-organizar; uma desorganização sensorial e motora; assim como uma incapacidade emocional de comunicar ou expressar os seus desejos e necessidades, dando ao aluno a sensação de não ser entendido e de não saber o que se espera dele.

Antecipar o cronograma de atividades pedagógicas previstas a cada dia, no início da aula, costuma gerar conforto ao aluno com autismo, assim como para todos os alunos, pois diminui a ansiedade, organiza as prioridades do dia para todos, assim como transmite a segurança de que o aluno não será exposto a surpresas. Estratégias de comunicação visual, como uma tabela que represente os horários das atividades preenchidos com imagens relacionadas à programação pedagógica, costumam funcionar bem para esta finalidade em situações em que os alunos ainda não estão alfabetizados.

É necessário que o professor olhe para além dos comportamentos a fim de encontrar a origem e o sentido do comportamento expressado pelo aluno com autismo. E para isso, sua comunicação precisa ser clara e precisa, para que consiga identificar a qualidade do "reforço externo" que tenha funcionado, de alguma forma, como gatilho para a manifestação de tal comportamento e

onde, algumas vezes, a repetição da resposta do professor frente a determinado comportamento pode contribuir para gerar um padrão "conveniente" ao aluno. Por exemplo, se todas as vezes que o aluno apresentar um comportamento inadequado ou manifestar uma desorganização sensorial, o professor encaminhá-lo para o pátio para que ele se reorganize; o aluno poderá entender que basta que ele expresse esse comportamento repetidas vezes, para que receba a mesma resposta do professor, sendo levado ao pátio sempre que quiser.

Observe a situação no seu todo e procure registrar o que aconteceu antes da manifestação de tal comportamento: as pessoas envolvidas, a hora do dia, o ambiente e tarefas a que o aluno está exposto etc. Geralmente, ao verificar essas anotações depois de um certo período, o professor poderá identificar um certo padrão de comportamento que emerge delas. Essa é uma estratégia importante tanto para organizar mediações pedagógicas coletivas, quanto para estratégias individuais com os alunos em classe.

Por último, mas não menos importante: não interprete como distração ou desinteresse o fato de um aluno com autismo não dirigir seu olhar a uma explicação ou orientação pedagógica. Muitos alunos com autismo possuem dificuldade em sustentar o contato visual, alguns conseguem por poucos instantes e outros não suportam nem por um segundo. Para boa parte deles, não é necessário fixar o olhar para prestar atenção e compreender o que é dito ou apresentado. Ao contrário, a obrigação de controlar a direção do olhar, pode dispender um nível de energia e concentração tão alto que torne impossível que ele consiga pensar em qualquer coisa.

2. Nunca presuma nada

Sem estar apoiada em dados e fatos, uma suposição é apenas uma suposição. Essa é uma premissa importante para o professor organizar sua rotina didático-pedagógica em sala de aula, em especial, quando há um aluno com autismo em seu grupo. Não é possível esse aluno entender o funcionamento das rotinas escolares, e as possíveis regras dessa convivência, se não lhe for explicado e acordado, de forma individual e coletiva. Também é necessário que o professor tenha certeza de que sua mensagem foi devidamente entendida, e não apenas só ouvida.

Por exemplo, o aluno pode não saber ou não entender essas regras. Pode ter ouvido as instruções, mas não ter entendido. Talvez pareça ter entendido ontem, mas pode não conseguir lembrar-se hoje. Portanto, assegure-se que seu aluno:

- Realmente sabe como realizar a atividade que você está lhe indicando. Observe seu comportamento diante da tarefa: se ele se envolve motivado; ou se corre para o banheiro; ou rasga a folha de atividades; cada vez que precisa fazer uma determinada atividade; talvez ele esteja sentindo uma forte pressão emocional ao perceber que sua produção será avaliada, e indique que não saiba como fazer; ou tema que o seu esforço não seja suficiente. Repita a tarefa com o aluno, com foco e cuidado, ou até mesmo com um grupo de alunos que manifestam dificuldades similares. O monitoramento é necessário até que você perceba a autoconfiança e habilidade do aluno para retomar a atividade com maior autonomia.

- O aluno com autismo poderá precisar de mais oportunidades para conhecer, praticar e dominar as tarefas que as outras crianças, além da necessidade de o professor recorrer a uma

diversificação de estratégias, para que ele consiga atingir o mesmo objetivo.

- Quando o aluno transgrida alguma regra ou combinação coletiva, é necessário que tenha garantido um espaço para explicar seus argumentos. No caso de dificuldades na comunicação, existe um espaço do professor para análise do evento, conforme já mencionamos acima. É necessário se formular hipóteses, com base em evidências: talvez o aluno ainda não tenha processado essas combinações e regras a ponto de mudar seu comportamento. Talvez ele tenha uma "necessidade primordial" a ser atendida que supere essas expectativas, como comer um pedaço do lanche em hora inapropriada, porque está com fome e se alimentou mal antes de ir à escola. Talvez não se concentre na atividade porque está preocupado em encerrar outra atividade que estava anteriormente mobilizado, antes do professor apresentar a nova proposta. Talvez ele se sinta ansioso para realizar sua atividade preferida. Nesses casos, a tabela de imagens, com a organização e cronologia das tarefas, também pode ser um recurso útil para comunicar que o desejo dele será atendido no horário programado. Por exemplo: "Veja, depois que fizermos essa colagem, vamos ter o intervalo para o lanche e depois teremos aula de educação física".

3. Procure primeiro entender as dificuldades sensoriais

Muitos dos comportamentos de resistência apresentados pelos alunos com autismo vêm de desconforto sensorial. Um exemplo é a luz fluorescente, utilizada largamente nas salas de aula, que já se demonstrou ser um problema para essas crianças. O som que essas lâmpadas produzem também pode ser perturbador para a audição

supersensível desses alunos; assim como o piscar de luz pode distorcer a sua percepção visual, fazendo com que os objetos pareçam estar se movimentando.

Sentar o aluno próximo ao professor poderá ser uma estratégia facilitadora para a sua concentração, diminuindo a dispersão por conta de movimentos e ruídos na sala de aula e fora dela. Observando as rotinas em sala e as possíveis interferências externas, o professor poderá pensar em estratégias de modo a exercitar a capacidade de concentração de todos, promovendo um ambiente mais agradável para a aprendizagem (disposição de carteiras, ventilação em sala, rotinas de participação dos alunos em tarefas individuais e coletivas etc.).

4. **Dê um intervalo para autorregulação do comportamento, antes que o aluno precise**

O professor deve organizar, em um canto da sala de aula, um ambiente agradável com um tapete, almofadas, alguns livros, e um fone de ouvido, para que o aluno possa relaxar, por alguns minutos, afastando-se do estímulo ou atividade que o está desorganizando. Essa estratégia poderá servir para um afastamento necessário, sem, contudo, que o aluno seja retirado do ambiente da sala de aula e perceba este movimento como uma punição por mal comportamento ou oportunidade para que ele consiga "autorização" para sair da sala sempre que quiser.

5. **Comunique-se com o seu aluno, de forma positiva ao invés de imperativa**

Comunique suas instruções, com clareza, em relação à realização e as expectativas para a conclusão das tarefas propostas. Essa estratégia será positiva para todos os alunos, que na maioria das

vezes apresentam dúvidas por falhas de comunicação. Por isso, é importante que o professor adote uma abordagem sempre positiva e otimista em relação à abordagem das tarefas propostas. Por exemplo, após uma atividade de artes, o professor diz ao aluno "Preste atenção! Você deixou tudo uma bagunça!". Ao invés disso, diga-lhe: "por favor, lave o seu pincel na pia, e pegue umas toalhas de papel para limpar o seu espaço. E vamos colocar seu trabalho no lugar combinado, para iniciarmos outra tarefa". Ajude-o a se organizar, sem, contudo, gerar um sentimento de inadequação e incompetência. Convivemos com muitas pessoas desorganizadas que simplesmente não tiveram oportunidades de aprenderem e mudarem seus hábitos, através de uma orientação mais estimuladora, sem que se reforçasse criticamente somente a sua incapacidade de manter as coisas em ordem.

6. **Tenha uma expectativa factível em relação a participação do aluno em atividades sociais e coletivas**

Exigir do aluno com autismo o cumprimento de rituais e regras sociais em atividades coletivas, como por exemplo, festividades no pátio da escola, encontros de grandes grupos para disputas esportivas etc., é gerar frustração e sentimentos de inadequação nefastos tanto para o aluno como para a sua família. O professor, que convive e conhece seu aluno, deverá refletir sobre a forma de incluí-lo nessas atividades, sem expô-lo a situações públicas de constrangimento. Converse com a família e compartilhe com eles o seu desafio. Crie situações para que o aluno efetivamente participe e se sinta parte das atividades, como auxiliando na organização de materiais; participando da atividade com um parceiro que lhe transmita segurança; e o estimule positivamente, respeitando o seu interesse em participar da atividade, sem gerar ansiedade excessiva etc..

7. Ajude seu aluno a fazer a transição entre uma atividade e outra

Esse é um desafio para o aluno com autismo, assim como para todos os alunos nas séries iniciais do ensino fundamental, o que vale um planejamento coletivo por parte do professor, auxiliando-os a se organizarem e entenderem os diferentes tempos em que a rotina escolar está organizada. Explique no início de cada atividade o objetivo dela, e o tempo que o grupo vai utilizar para completá-la. Tenha na sala um relógio de leitura fácil, e um outro relógio de ponteiros móveis, onde o professor vai poder orientar o uso do tempo, de forma concreta, fazendo intervalos gradativos que demonstrem o final de cada atividade. Um timer, como os usados para culinária, com sinal sonoro pode ser grande aliado nesta organização. O professor deverá levar em conta que o aluno precisa de tempo entre exercitar o seu planejamento motor e cognitivo, e gerar uma resposta compatível ao entendimento e execução das orientações da atividade e a sua capacidade de autocontrole.

8. Não torne pior uma situação ruim

O professor pode, e deve, encerrar o mais rapidamente possível, situações de conflitos em sala de aula que exponham ou que desorganizem o aluno com autismo, não respondendo ao episódio com comportamentos mais agressivos ou de censura; e assim prolongando, ao invés de encerrar a crise instalada. Procure evitar:

- Aumentar o volume ou tom de voz. O aluno estará mais concentrado no tom de sua voz do que nas palavras.
- Imitar ou caçoar do aluno. Sarcasmo, insultos ou apelidos além de completamente inadequados, poderão incorrer em consequências administrativas e jurídicas graves.

- Adotar para o aluno com autismo uma medida disciplinar diferente da dos outros alunos.
- Comparar o comportamento do aluno com o de um irmão ou de outro aluno.
- Colocar o aluno em uma categoria (“crianças como você são todas iguais”)

9. Critique gentilmente

Essa é uma regra que vale para todos os alunos e até para as nossas relações pessoais. É fundamental que o professor seja honesto com o aluno, de modo que sua crítica seja construtiva e embasada objetivamente em fatos de relevância. Comunique-se de forma clara, paciente e objetiva. No caso do aluno autista é importante que esta conversa se estabeleça depois que ele estiver calmo e aberto para escutá-la. Nunca imponha ações disciplinares quando ele estiver frustrado, ansioso e superestimado.

- Ajude-o a entender o comportamento inadequado de forma que se sinta apoiado, e que o ajude a resolver o problema, ao invés de punir.

- Ajude-o a descobrir os sentimentos que despertaram o seu comportamento. Ajude-o a se expressar, e explicitar que estava bravo, mas, também, que talvez estivesse com medo, frustrado, triste ou com ciúmes. Tente descobrir mais que a primeira resposta do aluno. Conforte-o afetivamente para que se sinta seguro e que perceba que, depois desse momento de crise, tudo voltará à sua rotina.

10. Ofereça escolhas reais - e apenas escolhas reais

Não ofereça, ao aluno com autismo, uma pergunta mais ampliada e subjetiva, para uma escolha, como por exemplo: "você quer...?" a menos que esteja disposto a aceitar não como resposta. Organize sua pergunta dando-lhe duas opções mais concretas, para cada situação: "Você quer ler em voz alta agora?" ou "você quer usar a tinta e desenhar com o Pedro?".

Você aceita com naturalidade o número enorme de escolhas que faz diariamente. Constantemente escolhe uma opção sobre outras sabendo que ter escolhas e ser capaz de escolher lhe dão controle sobre sua vida e futuro. Para as pessoas com autismo, as escolhas podem ser mais limitadas, quando não mediadas adequadamente, impactando na autoconfiança e nas escolhas mais simples relacionadas às suas atividades diárias. Dar-lhes escolhas frequentes, poderá ajudá-los a perceber que existem mais de uma possibilidade de escolhas, e que elas poderão afetar diferentemente as rotinas diárias.

Nas atividades escolares, também apresente algumas opções de escolhas, ou caminhos para a realização de uma determinada tarefa. Isso faz com que o aluno pense sobre a atividade e se sinta mais seguro em realizá-la, com base na sua opção ou baseada na interação com outro parceiro em sala de aula. Essa estratégia é saudável para todos os alunos.

Mas, é preciso que o aluno e o grupo em sala de aula, entenda que há momentos em que o professor poderá auxiliá-los na arbitragem de suas escolhas, estabelecendo parâmetros adequados para a convivência coletiva, e retornando às regras gerais do ambiente escolar que se colocam como limites dessas escolhas. Quando isso acontecer, é necessário se trabalhar a frustração do aluno, comunicando claramente as consequências de determinada

escolha, levando-o a ter uma percepção individual e coletiva de seu ato.

A última palavra: acredite.

Não há limite para o potencial de aprendizagem dos alunos com autismo. Com as suas características peculiares, esses alunos estão em permanente leitura do seu entorno e, com isso, aptos para experiências. O papel do professor é apoiá-lo nesse desafio que o expõem a constantes situações geradoras de estresses, mas também de prazer pelas descobertas. É importante que o professor acredite nesse potencial, estimule-o e ajude-o a desenvolver sua autoconfiança para seguir o seu próprio percurso de aprendizagem.

Para Ellen Notbohn (2014),” ... os pais precisam ver o seu filho apenas como ele é: uma criança como um todo, e não como um monte de peças quebradas para conserto...não podemos permitir que o autismo seja o único meio de defini-la...”. Essa observação também é muito pertinente para os profissionais da educação.

Bibliografia:

- Ellen Notbonn; Dez Coisas Que Toda Criança Com Autismo Gostaria Que Você Soubesse; Editora Inspirados pelo Autismo, Florianópolis, 2014.
- L.S. Vigotski, A.R. Luria, A.N. Leontiev; Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem; Editora Ícone, SP, 2018.
- Luria, Leontiev, Vygotsky e outros; Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento; Editora Centauro, SP, 2013.